



*Arqueologia Científica =  
Salvaguarda,  
Preservação, Divulgação*



[www.cta.ipt.pt](http://www.cta.ipt.pt)

N. 11 // dezembro 2019 // Instituto Politécnico de Tomar

**PROPRIETÁRIO**

Instituto Politécnico de Tomar - Centro das Arqueologias

**EDITORA**

Ana Pinto da Cruz, Instituto Politécnico de Tomar

**EDIÇÃO E SEDE DE REDACÇÃO**

Centro das Arqueologias, Instituto Politécnico de Tomar

**DIVULGAÇÃO**

Em Linha

**DIRECTORES-ADJUNTOS**

Helena Moura, Rodrigo Banha da Silva, Vasco Gil Mantas, Thierry Aubry

**CONSELHO CIENTÍFICO**

Professora Catedrática Doutora Primitiva Bueno Ramírez, Universidad de Alcalá de Henares

Professor Catedrático Doutor Rodrigo Balbín Behrmann, Universidad de Alcalá de Henares

Doutor Rossano Lopes Bastos, Arqueólogo do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional/Superintendência Estadual em Santa Catarina/Brasil (IPHAN/SC)

Doutor e Livre Docente pelo Museu de Arqueologia e Etnologia da Universidade De São Paulo, (MAE/USP)

Doutor Thomas W. Wyrwoll, Forschungsstelle für Archäoikonologische Theriologie und Allgemeine Felsbildkunde (FATAF) / Institut für Theriologie und Anthropologie

**DESIGN GRÁFICO**

Gabinete de Comunicação e Imagem, Instituto Politécnico de Tomar

**PERIODICIDADE**

Semestral

ISSN 2183- 1386

LATINDEX folio nº 23611

ANOTADA DA ERC | REGISTADA NA INPI

© Os textos são da inteira responsabilidade dos autores



## Índice

EDITORIAL	
Ana Cruz .....	06
ESTRANHA EPÍGRAFE NO CONCELHO DE TABUAÇO	
José d'Encarnação, José Carlos Santos.....	07
PESOS DE TEAR ROMANOS, COM GRAFITOS, PROVENIENTES DE TORRES VEDRAS	
Isabel Luna, José d'Encarnação, Luísa Batalha, Guilherme Cardoso .....	16
ANÁLISIS POR DIFRACCIÓN DE RAYOS X DE TERRA SIGILLATA PROCEDENTE UN YACIMIENTO URBANO DE VIGO (PONTEVEDRA)	
O. Lantes Suárez, R. M. Rodríguez Martínez, J. M. Vázquez Varela .....	38
INTERVENÇÃO ARQUEOLÓGICA NA MURALHA MEDIEVAL/MODERNA DO CASTELO DE MIRANDA DO DOURO 2018/2019: RESULTADOS FINAIS	
Rui Pinheiro, Pedro Dâmaso .....	55
UN ARCANGELO COME <i>LIMEN</i> : IL SANTUARIO MICAELICO DEL MONTORFANO TRA STRUTTURA ARCHITETTONICA, RAPPRESENTAZIONE FIGURATIVA E SIMBIOSI DEL SEGNO GRAFFITO	
Gianfranco Massetti, Georgios Dimitriadis, Marise Campos de Souza .....	96
IGREJA DE NOSSA SENHORA DAS NEVES DO CONVENTO DE SÃO FRANCISCO DE OLINDA – PE: ASPECTOS HISTÓRICOS, ARTÍSTICOS E CARACTERIZAÇÃO DO MATERIAL CONSTRUTIVO	
Fernando Antônio Guerra de Souza, Henry Socrates Lavalle Sullasi .....	134
TIJOLOS ARQUEOLÓGICOS AMARELOS INCOMUNS NO BAIRRO DO RECIFE, PERNAMBUCO, BRASIL, SÉC. XVII-XVIII	
Maria Aparecida da Silva Oliveira, Sergio Francisco Serafim Monteiro da Silva, Ana Catarina Peregrino Torres Ramos .....	154
LA DINÁMICA DE LOS CAMBIOS EN EL CENTRO ALFARERO DE GUNDIVÓS (LUGO, GALICIA, ESPAÑA)	
Alexandre Luis Vázquez-Rodríguez, José Manuel Vázquez Varela .....	173
ACTUACIONES ARQUEOLÓGICAS EN BIENES CULTURALES DE DAIMIEL (CIUDAD REAL) Y SU PROYECCIÓN PARA LA GESTIÓN DEL PATRIMONIO	
Miguel Torres Mas .....	188



## EDITORIAL

O n.º 11 da “Antrope” apresenta aos investigadores 9 artigos diferenciados, organizados diacronicamente:

1. “*Estranha Epígrafe no Concelho de Tabuaço*”, dedicado à tradução de epígrafe;
2. “*Pesos de Tear Romanos, com Grafitos, provenientes de Torres Vedras*”, dedicado a grafitos existentes em pesos de tear. Ambos se reportam ao período Romano em Portugal.

Da Galiza, o artigo 3. “*Análisis por Difracción de Rayos x de Terra sigillata Procedente un Yacimiento Urbano de Vigo (Pontevedra)*”, apresentam a investigação arqueométrica (difração de raios X da mineralogia), de *Terra sigillata* hispânica e africana cujos resultados permitem concluir a importância do porto de Vigo, enquanto ponto de comércio, entre a Península Ibérica e Marrocos, desde o Alto Império até o final da Antiguidade tardia.

4. “*Intervenção Arqueológica na Muralha Medieval/Moderna do Castelo de Miranda do Douro 2018/2019: resultados finais*”, constitui-se como uma intervenção arqueológica cujo objetivo se reflectiu na requalificação da muralha medieval/moderna do Castelo de Miranda do Douro. De Itália, com base na longa diacronia desde a Pré-História recente até aos séculos XIV e XVI, é-vos apresentado.

5. “*Un Arcangelo come limen: Il Santuario Micaelico del Montorfano tra Struttura Architettonica, Rappresentazione Figurativa e Simbiosi del Segno Graffito*”, um complexo iconográfico do santuário do Monte Sant'Angelo, no Gargano.

6. “*Igreja de Nossa Senhora das Neves do Convento de São Francisco de Olinda – PE: Aspectos Históricos, Artísticos e Caracterização do Material Construtivo*” é um artigo brasileiro, cujo conteúdo trata de um Monumento seiscentista, reconhecido com Património da Humanidade, mais propriamente o Convento de São Francisco e a Igreja de Nossa Senhora das Neves.

7. “*Tijolos Arqueológicos Amarelos incomuns no Bairro do Recife, Pernambuco, Brasil, séc. XVII-XVIII*” é também uma contribuição do Brasil integrado no Programa Monumenta, Recife (2006-2007).

8. “*La Dinámica de los Cambios en el Centro Alfarero de Gundivós (Lugo, Galicia, España)*”, demonstra-nos através da experimentação, como os tradicionais recipientes cerâmicos populares do século XX galegos, reflectiram na sua produção as crises sociais ocorridas em ambiente rural.

9. “*Actuaciones Arqueológicas en Bienes Culturales de Daimiel (Ciudad Real) y su Proyección para la Gestión del Patrimonio*”, destaca a forma como a valorização do Património na aldeia de Daimiel (Castilla-La Mancha/Espanha), realizada através da que a Câmara Municipal de Daimiel, fornece oportunidades sob vários pontos de vista. Os projectos de investigação realizados nos bens arqueológicos de Motilla del Azuer, Venta de Borondo, Puente Viejo e Caleras, são bem disso exemplo a ser seguido em toda a Península Ibérica.

Ana Cruz  
Tomar, 16 de Dezembro de 2019

**PESOS DE TEAR ROMANOS, COM GRAFITOS,  
PROVENIENTES DE TORRES VEDRAS**

**ROMAN LOOM WEIGHTS, WITH GRAFFITI,  
FROM TORRES VEDRAS**

Recebido a 30 de outubro de 2019  
Revisto a 18 de novembro de 2019  
Aceite a 29 de novembro de 2019

**Isabel Luna**

Museu Municipal Leonel Trindade / Câmara Municipal de Torres Vedras  
[isabelluna@cm-tvedras.pt](mailto:isabelluna@cm-tvedras.pt)

**José d'Encarnação**

Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra  
Centro de Estudos de Arqueologia, Artes e Ciências do Património  
[jde@fl.uc.pt](mailto:jde@fl.uc.pt)

**Luísa Batalha**

Associação Cultural de Cascais  
[luisabatalha2@gmail.com](mailto:luisabatalha2@gmail.com)

**Guilherme Cardoso**

CAL (Centro de Arqueologia de Lisboa) / Câmara Municipal de Lisboa  
Associação Cultural de Cascais  
[guilherme.cardoso@cm-lisboa.pt](mailto:guilherme.cardoso@cm-lisboa.pt)

## Resumo

Dão-se a conhecer treze pesos de tear romanos, com grafitos, maioritariamente provenientes de sítios arqueológicos do concelho de Torres Vedras, com excepção de um único exemplar, cuja origem se desconhece. Tecem-se, também, algumas considerações sobre o significado da presença de grafitos nos pesos de tear.

*Palavras-Chave:* Romano, Torres Vedras, pesos de tear, grafitos.

## Abstract

This paper describes thirteen Roman loom-weights with graffiti, found, mainly, from archaeological sites located in the municipality of Torres Vedras, except for a single specimen, whose origin is unknown. It also discusses some considerations on the meaning of the presence of graffiti in Roman loom-weights.

*Keywords:* Roman, Torres Vedras, loom-weights, graffiti.

## 1. Introdução

No início de 2012, fomos contactados por Gil Franco, um torriense apaixonado pela Arqueologia, que nos apresentou três pesos de tear romanos, com grafitos. Dois deles, encontrara-os na aldeia onde reside – Maxial, Torres Vedras – e um terceiro era pertença de um colega, que desconhecia a proveniência da peça.

Ao confrontarmos os pesos de tear do Maxial com outros exemplares recolhidos na mesma zona, que fazem parte do espólio do Museu Municipal Leonel Trindade (MMLT), constatámos a existência de mais alguns exemplares com grafitos.

Atendendo à importância do registo e disponibilização destas marcas para a constituição de um *corpus* mais vasto, que auxilie a comunidade arqueológica na sua interpretação, decidimos catalogar aquelas três peças, conjuntamente com todos os pesos de tear com grafitos existentes no MMLT.

A divulgação deste conjunto, todo ele inédito, constitui, assim, o objectivo deste trabalho.

## 2. Pesos de Tear

Os pesos de tear são elementos constituintes de antigos teares verticais romanos. Fabricados em barro, possuem um ou dois furos no topo, para permitir a sua suspensão. A sua função consistia em manter em tensão, por força da gravidade, um conjunto de fios paralelos entre si, posicionados longitudinalmente ao longo do tear – a urdidura, ou teia –, por entre os quais passavam, entrelaçadamente, os fios transversais da trama, formando os tecidos.



Dada a sua natureza cerâmica, os pesos são os únicos componentes do tear vertical que sobrevivem à natural degradação dos elementos e perduram no tempo, chegando aos nossos dias em número relativamente abundante. São, por isso, presença frequente nos sítios arqueológicos de função residencial, nomeadamente em *villae* e casais, indiciando a existência de uma produção têxtil artesanal, relacionada, essencialmente, com o suprimento de necessidades domésticas.

Um número considerável destes pesos de tear apresenta, na sua superfície externa – geralmente na face superior –, marcas ou grafitos, gravados na pasta fresca antes da sua cozedura no forno.

### 3. Pesos de tear com grafitos

#### 3.1. Descrição geral do conjunto

O conjunto que agora se apresenta é formado por treze peças (Tabela 1), doze das quais são provenientes das aldeias do Penedo (n<sup>os</sup> 1 a 8) e do Maxial (n<sup>os</sup> 9 a 12), em Torres Vedras, desconhecendo-se a origem do peso n<sup>o</sup> 13. Dez destas peças pertencem ao espólio do Museu Municipal Leonel Trindade (n<sup>os</sup> 1 a 10) e outras três são pertença de particulares (n<sup>os</sup> 11 a 13), que gentilmente nos permitiram o seu estudo.

Os pesos de tear pertencentes ao espólio do MMLT integram um conjunto de mais de quatro dezenas de exemplares recolhidos no concelho de Torres Vedras, maioritariamente provenientes do Penedo (27 exemplares) e do Maxial (12 exemplares).

Uma parte destes materiais ainda não está inventariada, razão pela qual só cinco peças apresentam o acrónimo do sítio arqueológico – AP = Aldeia do Penedo; MXL = Maxial – e o respectivo número de inventário. A todas as outras peças foi dado um acrónimo provisório, apresentado entre parêntesis rectos, apenas para efeitos do presente trabalho.

Tabela 1

Listagem dos pesos de tear com grafitos descritos no texto.

N.º de Catálogo	Proveniência	Propriedade	N.º de Inventário
1	Penedo	MMLT	AP-50
2	Penedo	MMLT	AP-51
4	Penedo	MMLT	AP-107
5	Penedo	MMLT	AP-109
6	Penedo	MMLT	[Belo-1]
7	Penedo	MMLT	[Belo-2]

8	Penedo	MMLT	[Era-1]
9	Maxial	MMLT	MXL-12
10	Maxial	MMLT	MXL-17
11	Maxial	Gil Franco	[Franco-1]
12	Maxial	Gil Franco	[Franco-2]
13	Desconhecida	Eugénio Vilela	[Vilela-1]

Fonte: Os Autores

Os pesos n<sup>os</sup> 1 a 7 e n<sup>os</sup> 9 a 10 foram recolhidas por Aurélio Ricardo Belo – médico, arqueólogo, epigrafista e numismata<sup>1</sup> –, algures entre as décadas de 30 e de 50 do século XX.

Em 1913, o jovem médico, natural do Fundão, viria a casar e a fixar residência na aldeia do Maxial, terra natal da sua esposa. Entre os anos de 1914-1915 e 1923-1926, desempenhou diversos cargos na administração local – secretário do Senado Municipal, vereador e administrador do concelho –, culminando com a direcção do então designado por Museu Municipal de Torres Vedras, entre 1932 e 1950.

Em 1921, o oficial médico miliciano Ricardo Belo foi colocado no Asilo de Inválidos Militares da Princesa D. Maria Benedita, em Runa – a cerca de 10 km a sul da sua residência e a escassas centenas de metros da aldeia do Penedo –, onde prestou serviço até 1947. Explica-se, assim, que as aldeias do Maxial e de Runa tivessem sido objecto de especial interesse, exploração e estudo, por parte deste arqueólogo.

Os elementos que Aurélio Ricardo Belo nos deixou sobre as intervenções arqueológicas que levou a cabo e os achados que recolheu, especialmente numa série de artigos que publicou no jornal torriense *Badaladas*, são muito escassos e genéricos. As peças que davam entrada no museu de Torres Vedras não eram objecto de registo e a maior parte das que recolhia tinham como destino a sua colecção particular, resultante de prospecções e de aquisições feitas, maioritariamente, a lavradores locais. Só em 1998 o MMLT conseguiu obter um inventário da colecção particular de Ricardo Belo, escrita pelo seu próprio punho, adquirida a um alfarrabista de Lisboa (Figura 1). Contudo, o registo da generalidade dos objectos da sua colecção particular era muito limitado, cingindo-se ao local do achado, período histórico-cronológico, tipologia, número de exemplares e material constituinte (Figura 2).

<sup>1</sup> A biografia e a produção bibliográfica de Aurélio Ricardo Belo podem ser consultadas em: Luna, I. (1999). Investigação arqueológica em Runa. *Badaladas*, 2284 (supl. 13), 8. Recuperado de <https://historiasdetorresvedras.wordpress.com/2012/04/17/aurelio-ricardo-belo-e-a-investigacao-arqueologica/>

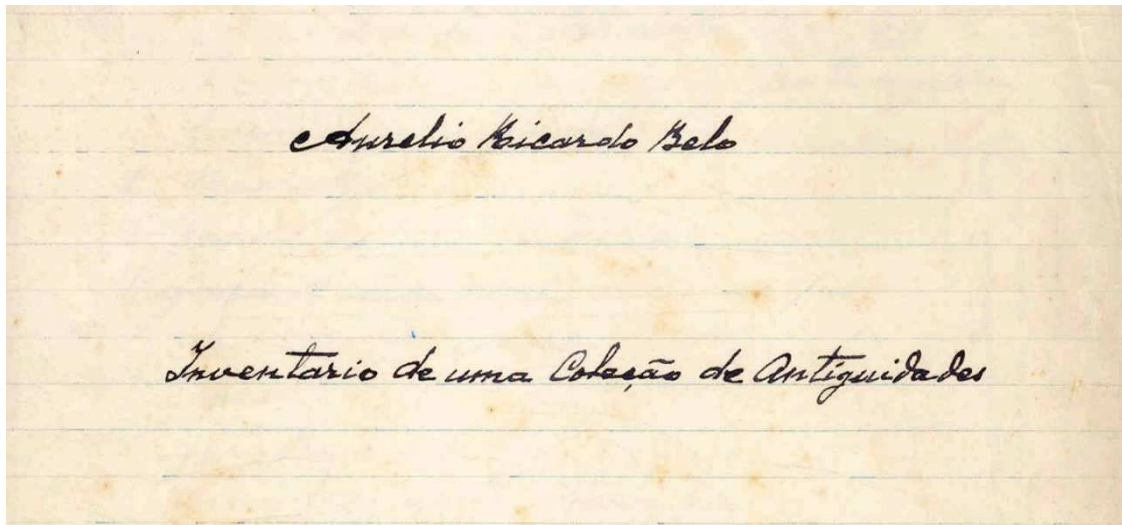


Figura 1. Inventário da colecção Aurélio Ricardo Belo. Fonte: Aurélio Ricardo Belo, n. d. /MMLT.

### 3.2. Aldeia do Penedo

A partir dos anos 30, enquanto médico do Asilo de Inválidos Militares, Aurélio Ricardo Belo fez prospecções arqueológicas na aldeia do Penedo, uma pequena povoação situada 800 m a sudeste daquele estabelecimento militar. Trata-se, como o próprio nome indica, de uma elevação calcária, sobranceira ao rio Sizandro, que se ergue cerca de 100 m acima do vale fluvial, onde se implantou uma pequena aldeia, com 1,8 ha, que domina a fértil várzea de Runa. O sítio localiza-se na confluência exacta das duas mais importantes vias romanas da região: a estrada de *Conimbriga* para *Olisipo* (via *Eburobritium*) e o ramal que partia desta, em direcção a *Ierabriga* (Mantas, 2000, p. 12 & p. 19).

12.

Época Romana

Penedo, Ponta Torres Vedras

1	grande fragmento de mosaico, bicromado	1,85 x 0,70
1	Colunna de marmore <sup>1m</sup> 1,30 de c. e de circunferencia	{ 0,90 0,35 0,45
1	capitel " 0,34 x 0,34 x 0,18	
1	" grande " de ordem Corintia	0,45 x 0,45 x 0,45
1	placa de marmore, que estava na parte nascente de uma sepultura já violada,	0,70 x 0,60 x 0,015
1	Cassete com fragmentos de estuque pintado, um a preto e outros encarnados	
2	telhas grandes, curvas (imbricadas)	
1	" mais pequena	
6	tijolos retangulares grandes	
2	" " pequenas	
8	" em 1/4 de circulos e fragmentos de outros	
6	fragmentos de opus (formigão)	
1	tijolo sobre que assentava o mosaico	
14	pedras de barro (círcos com grafito inciso: O, X, Y, X)	
1	vasilha de barro com ornamentação incisa e feita sem auxilio de torno	X
1	Quochas de barro " " " "	
1	" fragmentada que se pode reconstituir	
1	" " " " " "	
1	Anfóra reconstituída, com o bocal, asas, fundo e parte do bojo tendo o seguinte grafito: NI	
1	fragmento de louça encarnada com o seguinte grafito: A)	
1	metade de uma hucorna de barro, sem ornamentação	

Figura 2. Inventário de uma coleção de antiguidades, p. 12. Fonte: Aurélio Ricardo Belo, n. d. /MMLT.

Desde a primeira metade do século XVIII que se conhecem relatos do achado de vestígios romanos no local, que parecem corresponder a uma antiga *villa rustica*:

Na “*quinta das Pedreneiras abrindoce no anno de 1739 o alicerce para a mesma quinta se acharão varias sepulturas com capas de pedra, e nellas varios caracteres de letras antigas, que se não souberão entender. Pouco mais assima desta quinta na aldeia do Penedo, abrindoce em outros annos antes alicerce para huma adega se descobrirão varias pedras, que indicavão couza de templo da antiguidade como erão bazes, colunas, capiteis, pedestais e outras diversas com seus lavores antigos.*” (Azevedo, 1902, p. 78).

Em 1932, Ricardo Belo fez escavações de prospecção no largo principal e em algumas ruas e habitações do povoado, tendo recolhido cerca de duas centenas de peças do período romano. Os resultados dessas intervenções nunca foram publicados e tampouco existem diários das mesmas. Mas o vasto espólio recolhido, onde se incluem mais de quatro dezenas de numismas, permite datar a ocupação romana de entre a segunda metade do séc. I e os séculos V/VI<sup>2</sup>.

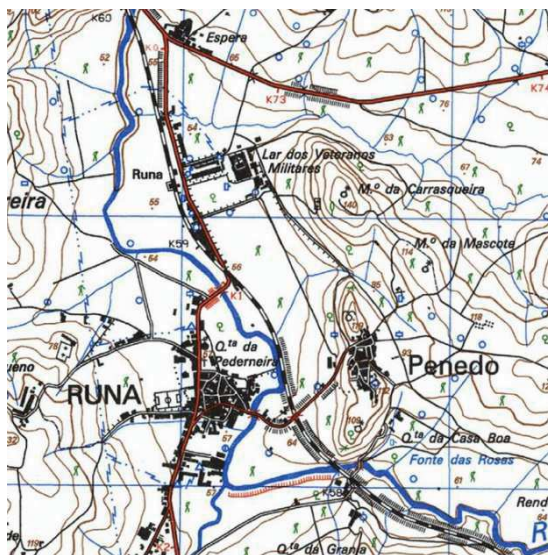


Figura 3. Aldeia do Penedo e Lar de Veteranos Militares, em Runa. Fonte: CMP 1: 25.000.

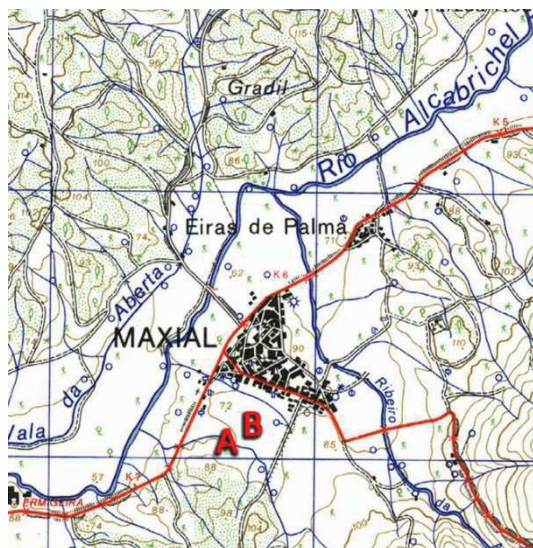


Figura 4. Maxial: A – “Regueiras”; B – Local onde Ricardo Belo recolheu pesos de tear. Fonte: CMP 1: 25.000.

No seu *Inventário de uma coleção de antiguidades*, Ricardo Belo (n./d., p. 12) refere um conjunto de 14 *pondera* de barro, da época romana, provenientes do Penedo,

<sup>2</sup> Entre o espólio recolhido por Aurélio Ricardo Belo encontram-se materiais de construção (quadrantes de coluna, tijoleiras, fragmento de mosaico formando meandros, estuque pintado a ocre, uma coluna de mármore com 2 m de altura, uma base de cipo e um clássico capitel coríntio), uma belíssima taça de terra sigillata, armelas e asas de sítilas, um anel de prata, uma fivela de bronze, cerâmica comum, ânforas, pesos de tear, lucernas, vidros e moedas (46 numismas, quase todos de bronze, cunhados entre os séculos I e IV).

não lhe tendo passado despercebida a existência de “*cinco com grafito inciso*” (Figura 2), cujo esboço nos remete, respectivamente, para as peças n.º 4, 7, 3, 5 e 1(?).

A peça n.º 8 foi recolhida a 10 de Março de 2005 por um arqueólogo ao serviço da empresa ERA – Arqueologia, no âmbito do acompanhamento arqueológico da empreitada de execução do Sistema Adutor Alenquer / Torres Vedras, da responsabilidade da empresa Águas do Oeste.

A descoberta deu-se na base da vertente nordeste do Penedo, a cerca de 200 m da povoação, numa camada vegetal de cor castanha. No mesmo local encontraram-se alguns fragmentos de cerâmica comum e de construção, um fragmento de *terra sigillata* hispânica e um fragmento decorado do disco de uma lucerna (Chaves, 2005, p. 12). O conjunto encontrava-se claramente descontextualizado, sendo proveniente, muito provavelmente, de escorrimentos originários do topo da colina. Nos quintais e terrenos a nascente da povoação são ainda igualmente visíveis, à superfície, vestígios da época romana, nomeadamente cerâmica de construção e cerâmica comum (Cardoso & Luna, 2005, p. 77).

### 3.3. Maxial

Sobre os pesos n.ºs 9 e 10, apenas sabemos serem provenientes do Maxial. Atendendo ao facto de Ricardo Belo se ter referido a achados provenientes de outros locais da freguesia, mencionando os nomes das respectivas povoações, cremos que estas peças tenham sido recolhidas na própria aldeia do Maxial, sede da freguesia do mesmo nome.

Numa das suas *Nótulas* de Arqueologia, Ricardo Belo deu conta do achado de um médio bronze romano, “*numa terra de Manuel Camarate, próximo dum forno de tijolo, a poente do Maxial, abundante em fragmentos de telha romana e ‘pondus’, pesos de tear*” (Belo, 1953, XXXII, p. 2 e p. 7).

Trata-se da única referência concreta que aquele arqueólogo nos deixou sobre a localização dos achados de pesos de tear, no Maxial. Um sítio que, todavia, não foi ainda possível identificar no terreno. Contudo, graças ao testemunho de Alberto Correia, morador na aldeia do Maxial, foi possível identificar um outro local onde Ricardo Belo terá efectuado prospecções e onde terá recolhido alguns exemplares de pesos de tear, para além de diversos fragmentos de cerâmica comum romana. Trata-se de um terreno agrícola, situado a poente do edifício da antiga escola primária do Maxial, 150 m a sul da aldeia (Figura 4, B).

Os pesos n.ºs 11 e 12 são propriedade de Gil Franco, morador no Maxial que, nos anos 90, os recolheu à superfície do solo, igualmente a sudoeste da escola primária, numa zona conhecida por “*Regueiras*”, precisamente por confinar com a regueira que corre paralelamente à aldeia do Maxial, a cerca de 200 m a sul desta (Figura 4, A). Aí se observa, à superfície do terreno, uma grande dispersão de materiais de construção do período romano. Ao longo dos últimos anos têm vindo a ser aí recolhidos tijolos, imbrices, cerâmica comum, fragmentos de ânforas e pesos de tear. Há ainda notícia da descoberta, aquando de trabalhos agrícolas, de lajes de pedra, alicerces de construções e cerâmica comum, nomeadamente de “*potes*”. Para além destas peças, Gil Franco possui

ainda mais outros três pesos de tear, recolhidos no mesmo local, mas que não apresentam grafitos.

A zona do Maxial acolheu uma significativa ocupação romana, quer devido à proximidade com a grande via de comunicação que constituía o rio Alcabrichel, quer à fertilidade agrícola do seu vale, propício à instalação de *villae rusticae*. Segundo Mário Saa (1960, p. 32), por aqui passava, vindo do Ramalhal, o *ramal do Mar Oceano* da via romana que ligava *Conimbriga* a *Olisipo*.

### 3.4. Origem desconhecida

O peso de tear nº 13 é propriedade de Eugénio Vilela, de Lisboa, tendo sido achado pelo seu pai em local que aquele desconhece. Embora não deva ter qualquer relação com o território torriense, esta peça chegou ao nosso conhecimento através de Gil Franco, razão pela qual a incluímos neste trabalho.

## 4. Catálogo

Tabela 2

Catálogo descritivo dos pesos de tear apresentados

N.º de Catálogo	1
N.º de Inventário	AP-50
Descrição	Peso de tear paralelepípedo, ligeiramente tronco-piramidal, de secção sub-rectangular, com um orifício de suspensão. Pasta vermelho acastanhada.  No topo foi inscrito um grafito na pasta fresca, com um estilete.
Medidas	Peso: 578 gramas Altura máxima: 12 cm Largura máxima no topo: 5 cm Espessura no topo: 4,7 cm Largura máxima na base: 6,1 cm Espessura na base: 4,9 cm Diâmetro do orifício: 1,2 / 1,7 cm  <u>Medidas do grafito:</u> Altura máxima do grafito: 3 cm Largura máxima do grafito: 1,7 cm Comprimento do traço vertical mais comprido: 2,1 cm Comprimento do traço vertical mais curto: 1,7 cm Comprimento do traço horizontal: 1,1 cm
N.º de Catálogo	2

N.º de Inventário	AP-51
Descrição	<p>Peso de tear tronco-piramidal, de secção sub-rectangular no topo e praticamente sub-quadrangular na base, com um orifício de suspensão. Pasta laranja amarelada, muito grosseira, destacando-se a presença de alguns elementos não plásticos de grandes dimensões.</p> <p>Numa das faces laterais, foi impressa uma marca na pasta fresca, com recurso a um punção de secção sub-rectangular, pressionado por quatro vezes.</p>
Medidas	<p>Peso: 210 gramas Altura: 9,6 cm Largura máxima no topo: 3,1 cm Espessura máxima no topo: 2,3 cm Largura máxima na base: 4,3 cm Espessura máxima na base: 4,1 cm Diâmetro do orifício: 0,6 / 0,8 cm</p> <p><u>Medidas da marca:</u> Altura máxima: 2,2 cm Largura máxima: 1,6 cm</p> <p><u>Medidas dos puncionamentos:</u> Comprimento dos 3 maiores: 0,5 cm Largura dos 3 maiores: 0,4 cm Comprimento do mais pequeno: 0,3 cm Largura do mais pequeno: 0,3 cm Profundidade: 0,5 / 0,6 cm</p>

N.º de Catálogo	3
N.º de Inventário	AP-103
Descrição	<p>Peso de tear paralelepipedico, de secção sub-rectangular, com um orifício de suspensão. Pasta vermelho-tijolo, destacando-se a presença de alguns elementos não plásticos de grão muito grosso. Apresenta uma fractura no canto inferior.</p> <p>No topo foi inscrito um grafito na pasta fresca, com um estilete: Y (?). Numa das faces frontais foi também esgrafitada uma linha ondulada.</p>
Medidas	<p>Peso: 498 gramas Altura: 12,1 cm Largura máxima no topo: 6,2 cm Espessura no topo: 3,7 cm Largura máxima na base: 6,3 cm</p>



	<p>Espessura na base: 3,6 cm Diâmetro do orifício: 0,6 / 0,7 cm</p> <p><u>Comprimento da linha ondulada:</u> 5,2 cm</p> <p><u>Medidas do grafito:</u> Altura máxima do grafito: 4,8 cm Largura máxima do grafito: 2,7 cm Comprimento do traço mais comprido: 5,2 cm Comprimento do traço mais curto: 2,7 cm</p>
--	---

N.º de Catálogo	4
N.º de Inventário	AP-107
Descrição	<p>Peso de tear tronco-piramidal, de secção sub-quadrangular, com um orifício de suspensão. Pasta castanha clara. Na base de uma das faces laterais, foi impressa uma marca na pasta fresca, de formato circular.</p>
Medidas	<p>Peso: 250 gramas Altura: 10,3 cm Largura máxima no topo: 2,2 cm Espessura máxima no topo: 2,1 cm Largura máxima na base: 5,1 cm Espessura máxima na base: 5 cm Diâmetro do orifício: 0,6 / 0,7 cm</p> <p><u>Medidas da marca:</u> Altura máxima: 1,6 cm Largura máxima: 1,6 cm</p>

N.º de Catálogo	5
N.º de Inventário	AP-109
Descrição	<p>Peso de tear paralelepípedo, de secção sub-rectangular, com um orifício de suspensão. Pasta de cor vermelha rosada. No topo foi inscrito um grafito na pasta fresca, com um estilete.</p>
	<p>Peso: 402 gramas Altura: 0 cm Largura no topo: 5,1 cm Espessura no topo: 3,8 cm</p>

Medidas	Largura na base: 6,3 cm Espessura na base: 3,6 cm Diâmetro do orifício: 0,7 / 0,9 cm  <u>Medidas do grafito:</u>  Altura máxima do grafito: 3 cm (= comprimento do traço vertical) (= Comprimento do traço vertical) Largura máxima do grafito: 3,1 cm (= comprimento do traço horizontal)
---------	---

N.º de Catálogo	6
N.º de Inventário	[Belo-1]
Descrição	Peso de tear tronco-piramidal, de secção sub-quadrangular, com um orifício de suspensão. Falta-lhe o topo e a base. Pasta de cor laranja avermelhada e acabamento irregular. Numa das faces foi inscrito um grafito na pasta fresca, com um estilete: uma forma oval, atravessada por uma linha recta, cujo comprimento a ultrapassa.
Medidas	Peso: 366 gramas Altura máxima: 8,5 cm Largura máxima no topo: 4,8 cm Espessura máxima no topo: 4,3 cm Largura máxima na base: 5,9 cm Espessura máxima na base: 5,8 cm Diâmetro do orifício: c. 0,8 cm  <u>Medidas do grafito:</u>  Altura máxima do grafito: 5,6 cm (= comprimento máximo visível do traço vertical) (= Comprimento máximo visível do traço vertical) Largura máxima do grafito: 2,9 cm (= diâmetro mínimo da oval) Diâmetro máximo visível da oval: 3,4 cm

N.º de Catálogo	7
N.º de Inventário	[Belo-2]
Descrição	Pequeno peso de tear tronco-piramidal, de secção sub-quadrangular, com um orifício de suspensão. Falta-lhe o topo. Pasta de cor rosada.

	<p>Numa das faces frontais foi inscrito um grafito na pasta fresca, com um estilete.</p>
Medidas	<p>Peso: 188 gramas Altura máxima: 7,4 cm Largura máxima no topo: 3,8 cm Espessura máxima no topo: 3,1 cm Largura máxima na base: 4,7 cm Espessura máxima na base: 4,5 cm Diâmetro do orifício: c. 0,8 / 1 cm</p> <p><u>Medidas do grafito:</u></p> <p>Altura máxima do grafito: 5,7 cm Largura máxima do grafito: 3,2 cm Comprimento do 1º traço: 5,8 cm Comprimento do 2º traço: 5,6 cm Comprimento do 3º traço: 4,9 cm</p>
N.º de Catálogo	8
N.º de Inventário	[Era-1]
Descrição	<p>Fragmento do topo de peso de tear, de secção sub-quadrangular, com um orifício de suspensão. Pasta alaranjada e superfícies evidenciando forte erosão.</p> <p>No topo foi inscrito um grafito na pasta fresca, com um estilete: SII (?).</p>
Medidas	<p>Peso: 80 gramas Altura máxima: 5,2 cm Largura máxima: 5,4 cm Espessura máxima: 3,7 cm Diâmetro do orifício: 0,6 / 0,7 cm</p> <p><u>Medidas do grafito:</u></p> <p>Altura máxima do grafito: 3,1 cm Largura máxima do grafito: 2,5 cm</p> <p><u>Medidas das letras:</u></p> <p>Altura do S: 3,1 cm Altura do 1º I: 2,3 cm Altura do 2º I: 2,4 cm</p>

N.º de Catálogo	9
N.º de Inventário	MXL-12
Descrição	<p>Peso de tear tronco-piramidal, de secção sub-quadrangular, com um orifício de suspensão. Falta-lhe o topo e apresenta um canto inferior fragmentado. Pasta rosada, com elementos não plásticos de grão grosso e superfícies com acabamento muito grosseiro.</p> <p>Numa das faces foi impressa uma marca na pasta fresca, de formato circular.</p>
Medidas	<p>Peso: 290 gramas Altura máxima: 10 cm Largura máxima no topo: 2,9 cm Espessura máxima no topo: 2,6 cm Largura máxima na base: 5,1 cm Espessura máxima na base: 5 cm Diâmetro do orifício: c. 0,5 cm</p> <p><u>Medidas da marca:</u> Altura máxima: 1,8 cm Largura máxima: 1,9 cm</p>

N.º de Catálogo	10
N.º de Inventário	MXL-17
Descrição	<p>Peso de tear paralelepípedo, de secção sub-rectangular, com um orifício de suspensão. Falta-lhe o topo. Pasta vermelho-tijolo e superfícies com acabamento muito grosseiro.</p> <p>Numa das faces frontais foi inscrito um grafito na pasta fresca, com um estilete: N (?).</p>
Medidas	<p>Peso: 654 gramas Altura máxima: 12 cm Largura máxima no topo: 6,8 cm Espessura máxima no topo: 4,9 cm Largura máxima na base: 7,2 cm Espessura máxima na base: 4,1 cm Diâmetro do orifício: c. 0,7 / 0,9 cm</p> <p><u>Medidas do grafito:</u> Altura máxima do grafito: 3,5 cm Largura máxima do grafito: 3,2 cm</p>

N.º de Catálogo	11
N.º de Inventário	[Franco-1]
Descrição	<p>Peso de tear paralelepipedico, de secção sub-quadrangular, com um orifício de suspensão. Apresenta fracturas no topo e na base. Pasta alaranjada e superfícies com alguma erosão.</p> <p>No topo foi esgrafitada uma oval (?) na pasta fresca, com um estilete.</p>
Medidas	<p>Peso: 470 gramas                  Altura máxima: 10,8 cm                  Largura máxima na base: 6 cm                  Espessura: 5 cm                  Diâmetro do orifício: 0,5 / 0,8 cm</p> <p><u>Medidas do grafito:</u>                  Altura máxima visível do grafito: 1 cm                  Largura do grafito: 1,5 cm</p>

N.º de Catálogo	12
N.º de Inventário	[Franco-2]
Descrição	<p>Topo de peso de tear paralelepipedico, de secção sub-quadrangular, com um orifício de suspensão. Pasta de cor vermelha alaranjada.</p> <p>Na superfície de topo, foi inscrito um grafito na pasta fresca, com um estilete: SII (?).</p>
Medidas	<p>Peso: 75 gramas                  Altura máxima: 2,3 cm                  Largura máxima no topo: 4,7 cm                  Espessura no topo: 4,7 cm                  Diâmetro do orifício: c. 0,9 cm</p> <p><u>Medidas do grafito:</u>                  Altura do grafito: 1,9 cm                  Largura do grafito: 2,1 cm</p> <p><u>Medidas das letras:</u>                  Altura do S: 1,6 cm                  Altura do 1º I: 1,6 cm                  Altura do 2º I: 1,5 cm</p>

N.º de Catálogo	13
-----------------	----

N.º de Inventário	[Vilela-1]
Medidas	Peso: 650 gramas Altura máxima: 11,1 cm Largura máxima no topo: 7 cm Espessura no topo: 4,8 cm  <u>Medidas do grafito:</u> Altura do grafito: 4 cm Largura do grafito: 3,6 cm

Fonte: Os Autores

## 5. Para um significado dos grafitos

Ocorre, naturalmente, a pergunta, após se haverem observado os grafitos: que intenção houve, por parte do oleiro, em assim os gravar nos pesos?

Há sinais que correspondem, sem dúvida, a letras: N, H, O, porventura um lambda ( $\lambda$ ).

Dois ostentam mesmo um sugestivo SII, quiçá início de um antropónimo (*Severi* ?); ainda que procedentes de sítios distintos, a sua identidade gráfica leva a que sejam considerados pertencentes ao mesmo lote.

O X ou os dois XX incitam, antes, a ver aí um numeral; contudo, a facilidade com que esse desenho se faz e, por outro lado, a dificuldade em se entender quer como um número próprio do peso ou indicação quantitativa do lote a que pertenceu, propende a interpretar-se como sendo mero sinal identificativo. Aliás, terá sido também nessa qualidade que se gravaram os outros sinais.

Imaginamos que, na olaria, se programavam fornadas de pesos de tear, uma vez que uma encomenda – ou as encomendas – exigiriam sempre algumas dezenas, ainda que se desconheça quantos pesos em concreto teria um tear. Certamente, seria deveras aleatório, consoante os gostos, as possibilidades, os objectivos. Desta sorte, a necessidade de, nas fornadas, se identificarem os clientes. Bastaria assinalar o primeiro e o último, por vezes; a não ser que o cliente (ou a cliente, se pensarmos que poderiam ser de preferência as mulheres quem se encarregaria da tecelagem) fizesse questão em ter todos os seus pesos marcados.

Um último aspecto se afigura relevante assinalar: a quantidade de pesos de tear habitualmente identificados nas villae prova ser esta uma actividade importante. Os habitantes das villae faziam questão em serem eles os artífices das suas próprias vestimentas.

## 6. Imagens

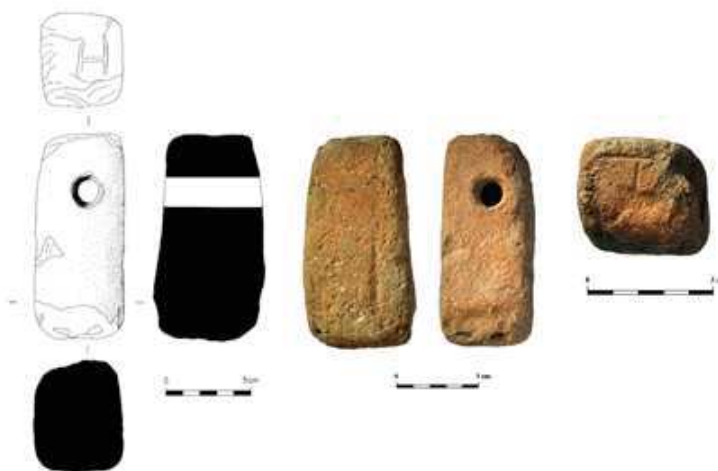


Figura 5. Peso de tear nº 1. Desenho: Luísa Batalha. Foto: Guilherme Cardoso.

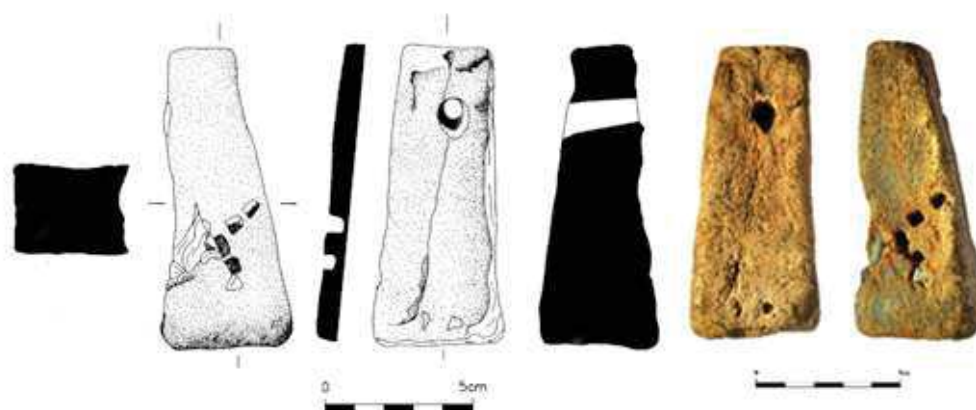


Figura 6. Peso de tear nº 2. Desenho: Luísa Batalha. Foto: Guilherme Cardoso.

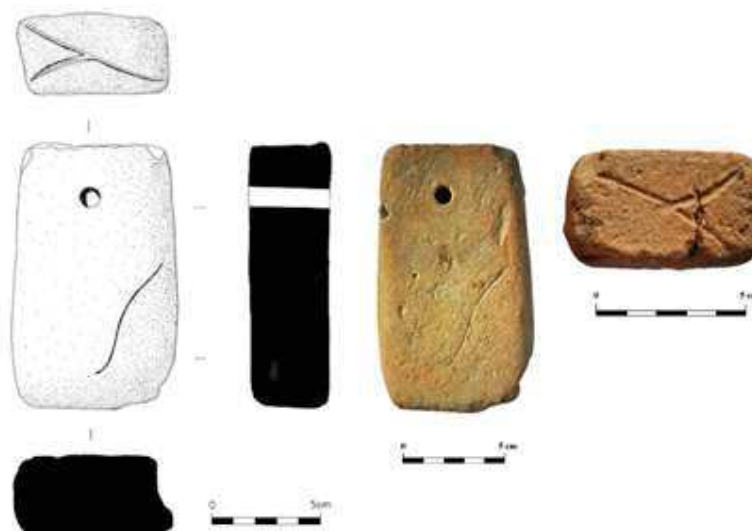


Figura 7. Peso de tear nº 3. Desenho: Luísa Batalha. Foto: Guilherme Cardoso.

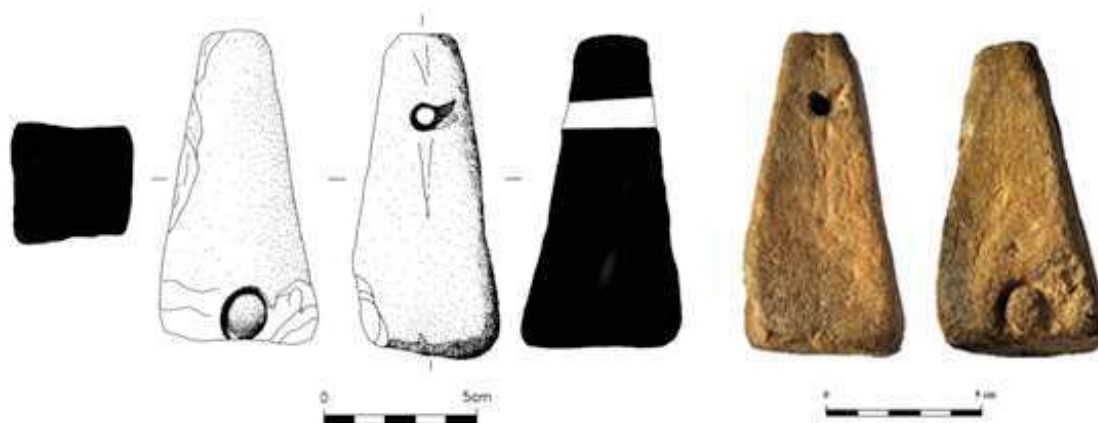


Figura 8. Peso de tear n° 4. Desenho: Luísa Batalha. Foto: Guilherme Cardoso.



Figura 9. Peso de tear n° 5. Desenho: Luísa Batalha. Foto: Guilherme Cardoso

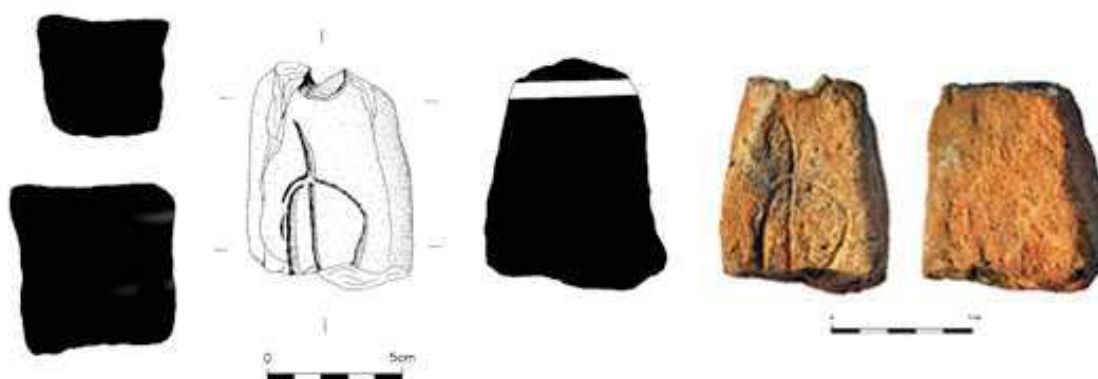


Figura 10. Peso de tear n° 6. Desenho: Luísa Batalha. Foto: Guilherme Cardoso.





Figura 11. Peso de tear nº 7. Desenho: Luísa Batalha. Foto: Guilherme Cardoso.

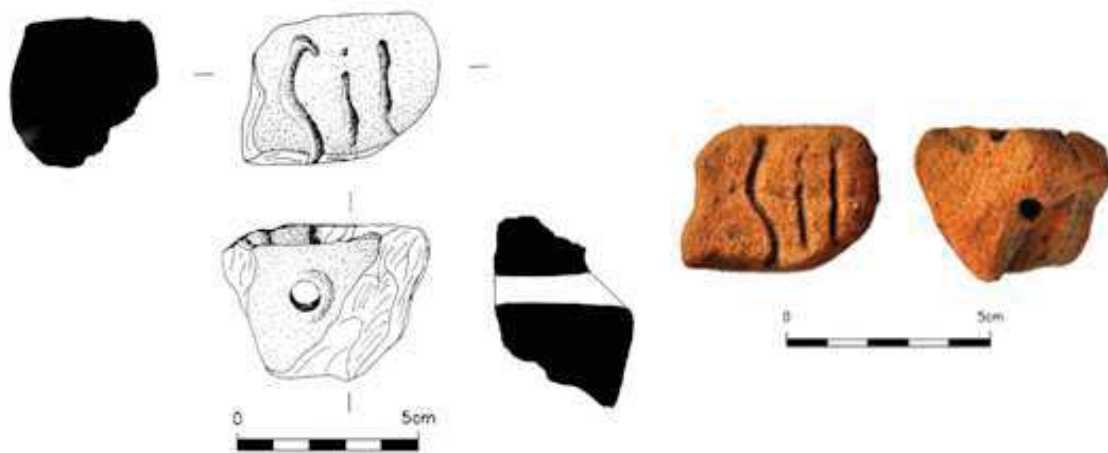


Figura 12. Peso de tear nº 8. Desenho: Luísa Batalha. Foto: Guilherme Cardoso.

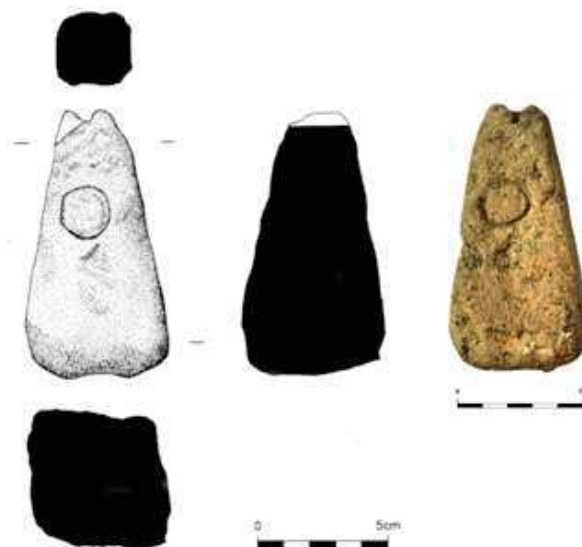


Figura 13. Peso de tear nº 9. Desenho: Luísa Batalha. Foto: Guilherme Cardoso.



Figura 14. Peso de tear nº 10. Desenho: Luísa Batalha. Foto: Guilherme Cardoso.



Figura 15. Peso de tear n.º 11. Desenho: Luísa Batalha. Foto: Guilherme Cardoso.



Figura 16. Peso de tear n.º 12. Desenho: Luísa Batalha. Foto: Guilherme Cardoso.



Figura 17. Peso de tear n.º 13. Desenho: Luísa Batalha. Foto: Guilherme Cardoso.

#### Agradecimentos

Agradecemos a Gil Franco a amabilidade com que nos cedeu temporariamente as peças da sua colecção particular, permitindo-nos o seu registo e divulgação, bem como a amizade e o entusiasmo com que há muitos anos vem acompanhando os trabalhos de investigação arqueológica que vimos desenvolvendo em Torres Vedras.

A Eugénio Vilela agradecemos igualmente a amável cedência temporária de um peso de tear, para a realização do presente trabalho.

Devemos um último agradecimento à Dr.<sup>a</sup> Sandra Brazuna, pela disponibilização dos dados sobre o achado do peso de tear nº 8, bem como pela permissão da sua divulgação.

#### Referências

- Azevedo, P. A. (1902). Extractos archeologicos das Memórias Parochiaes de 1758. *O Archeologo Português*, VII, 74-79.
- Belo, A. R. (s. d.). *Inventário de uma colecção de antiguidades* [manuscrito, Museu Municipal Leonel Trindade].
- Belo, A. R. (1952-1955). Nótulas sobre arqueologia de Torres Vedras e seu termo. *Badaladas*, 47/130, [várias pp.].
- Belo, A. R. (1959). Nótula sobre quatro lucernas romanas de barro, inéditas. *Boletim da Junta de Província da Estremadura*, IIª série, 50/52, 97-112.
- Cardoso, G. & Luna, I. (2005). Últimos dados sobre a romanização no concelho de Torres Vedras. In *Congresso "A presença romana na região Oeste"*, Bombarral (pp: 65-82). Bombarral, Portugal: Câmara Municipal do Bombarral.
- Chaves, C. A. R. N. (2005). *Relatório final dos trabalhos arqueológicos de acompanhamento da empreitada de execução do sistema adutor Alenquer/Torres*

*Vedras: troços Paredes/Corujeira e Corujeira/ Penedo*. Lisboa, Portugal: Era - Arqueologia.

Coixão, A. N. S. & Naldinho, S. (2011). A tecnologia têxtil. *Côaviso*, 13, 85-107.

Encarnação, J. (2009). A epigrafia do momento: grafitos... A comunicação sedutora! In M. G. A. Bertinelli & A. Donati (Coords.), *Opinione Pubblica e Forme di Comunicazione a Roma: il Linguaggio dell'Epigrafia. Atti del Colloquio AIEGL, Borghesi, 2007* (pp. 15-28). Faenzi, Italia: Fratelli Lega Editori.

Ferreira, O. V. (1963). Notícia de algumas estações pré-históricas e objectos isolados inéditos ou pouco conhecidos. *Boletim Cultural da Junta Distrital de Lisboa*, IIª série, 59/60, 149-166.

Luna, I. (1999). Investigação arqueológica em Runa. *Badaladas*, 2284 (supl. 13), 8. Recuperado de <https://historiasdetorresvedras.wordpress.com/2012/04/17/aurelioricardo-belo-e-a-investigacao-arqueologica/>.

Luna, I. (2009). Sepultura do Alto dos Moinhos, Torres Vedras: Resultados dos trabalhos arqueológicos (pp.22-24). Torres Vedras, Portugal. Recuperado de <https://historiasdetorresvedras.files.wordpress.com/2012/09/alm-resultados.pdf>.

Mantas, V. G. (2000). A rede viária romana e medieval da região de Torres Vedras. In *Turres Veteras, I – Actas de História Medieval* (pp: 9-25). Torres Vedras, Portugal: Câmara Municipal de Torres Vedras / Instituto de Estudos Regionais e Municipalismo “Alexandre Herculano”.

Ruivo, J. S. (1995). A circulação da moeda hispânica na Estremadura portuguesa: uma primeira abordagem. In *Anejos de Archivo Español de Arqueología, XIV – La moneda hispânica: ciudad y territorio: I Encuentro Peninsular de Numismática Antigua* (pp. 155-160). Madrid, España: CSIC - Dpto. de Historia Antigua y Arqueología / Sociedade Portuguesa de Numismática.

Ruivo, J. S. (1993-1997). Circulação monetária na Estremadura portuguesa até aos inícios do séc. III. *Nvmmvs*, 2ª série, XVI/XX, 7-176.

Saa, M. (1960). *As grandes vias da Lusitânia: O itinerário de Antonino Pio, III (VII)* (pp. 7-33). Lisboa, Portugal: Autor.

Santos, M. (2015). Os pesos de tear identificados nos contextos romano republicanos do Monte dos Castelinhos. *Cira-Arqueologia*, IV, 65-109.

Sepúlveda, E. & Sousa, V. R. C. (2000). *Lucernas romanas: Catálogo*. Torres Vedras, Portugal: Câmara Municipal de Torres Vedras - Museu Municipal Leonel Trindade.

Sepúlveda, E., Sousa, É. M. & Sousa, V. R. C. (2003). Cerâmicas finas romanas do Museu Municipal Leonel Trindade (Torres Vedras): II - a *terra sigillata*. *Revista Portuguesa de Arqueologia*, 6 (1) 299-321